



CRÓNICA

CÁ POR MIM

Alice Vieira



Pela primeira vez na minha vida faço parte de uma equipa que está a fazer nascer um novo jornal. Todos aqueles por onde passei tinham já dezenas e dezenas de anos de trabalho, tradição e público.

Desta vez é uma aventura.

E também, ao que se diz, este é um jornal destinado àqueles a quem já cantaram os "parabéns a você" muitas e muitas vezes.

Ótimo. Sinal de que estão vivos - coisa de que nem todos os vivos se podem gabar.

Mas esta coisa da idade é sempre muito relativa... "Coitado, já tinha uma certa idade", diz-se normalmente quando morre alguém não muito novo.

Mas eu nunca percebi o que é ter "uma certa idade". Tenho sempre diante dos meus olhos - colado na parede onde também estão coladas as fotografias dos homens da minha vida, entre os quais os netos... - um postal que em tempos um amigo me enviou de Berkeley e que, numa tradução tão aproximada quanto possível, diz: "Que idade terias se não soubesses a idade que tens?"

E posso garantir-lhes que a resposta varia todos os dias. Neste momento, por exemplo, a tentar sair de uma gripe que parece ter-se apaixonado inabalavelmente por mim, se eu não soubesse a idade que tenho era bem

capaz de jurar que andava aí pelos 200, mais Manuel de Oliveira, menos Manuel de Oliveira.

Mas antes de a gripe me ter atacado, eu diria que andava aí pelos 30 ou 40.

"Esse é que é o teu mal! Pensas que tens 20 anos, e não tens!", refilava ontem a minha filha, quando entrou no meu quarto para me deixar os remédios na mesa de cabeceira. (Não liguem. No fundo, no fundo, mas lá mesmo bem no fundo o que ela queria dizer era "coitadinha, estás doentinha e a morrer" e fazer-me tap tap na cabeça.) Isto tudo só para dizer que velhice é coisa muito discutível. E que, por mais que se reflite e se entre em depressão, ainda não se inventou outro meio de se viver muito tempo. Mas para os que, às vezes, estão quase a sucumbir a esse peso da idade, nada melhor do que ligarem para o Canal Parlamento, e olharem para aquelas bancadas: há deputados (não, não vou dizer o nome de nenhum embora às vezes bem me apeteça), aí na casa dos 30/40, que eu juro que já nasceram com 100 anos em cada ombro: falam com 100 anos em cada palavra; exibem ar de mau com 100 anos em cada sobranceira.

Se calhar a maioria de nós, que entramos agora nesta extraordinária aventura de fazer um jornal como este, não estará nos seus, digamos, verdes anos de adolescência e juventude. Pois não. Mas, sem nenhuma espécie de saudosismo, assiste-nos a todos a enorme vantagem de termos conhecido o antes e o agora.

A maioria de nós foi do tempo da caneta, das máquinas de escrever com aquelas fitas metade vermelhas metade azuis, que era preciso fazer render ao máximo porque eram caras e o chefe fazia sempre cara feia quando era preciso requisitar alguma - mas também é do tempo dos computadores.

A maioria de nós foi do tempo do chumbo, das velhas

rotativas, das *linotypes*, da maquetagem a régua e o quadro nas enormes folhas de papel - mas também é do tempo das páginas formatadas no ecrã.

A maioria de nós foi do tempo em que o jornalismo se aprendia com os mais velhos, ali na tarimba, com os nossos erros, com as dezenas de vezes que tínhamos de rescrever a notícia e nem pensávamos que algum dia viria a ser de outra maneira - mas também é do tempo das escolas de jornalismo.

Isto para não falar da maior diferença de todas: a maioria de nós foi do tempo da censura, das páginas retalhadas pelo lápis azul, da angústia de perder as ligações se os jornais se atrasassem - mas também é do tempo da liberdade.

Mas, ó gente, o que eu queria mesmo dizer - e juro que ninguém me encomendou o discurso nem sequer falei com os chefes - era que, e parafraseando o título de um filme dos Irmãos Coen, "Este jornal não é para velhos"! Pois, se calhar não vamos ter aqui todos os dias notícias e reportagens do Justin Bieber (tadinho, acho que lhe foi apreendida droga no carro, vejam lá!), só tenho coisas que me ralem...), nem me estou a ver de plantão à casa da Venda do Pinheiro - mas não falharemos certamente o que acharmos de interesse, seja qual for a nossa idade, e seja qual for a idade que tem quem nos vai ler. Cá por mim, irei escrever com o mesmo espírito com que escrevi em todos os jornais por onde andei.

E, já agora, bem podemos aproveitar um *slogan* que anda aí estampado na parte de trás dos assentos de muitos táxis - "Entre no dia com um sorriso!" - e entrar também neste jornal com um enorme sorriso. Pelo menos de quinze em quinze dias, a vida vai sorrir-lhes um bocadinho mais.

Cá por mim, farei tudo por isso.

